

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico
Evento: XXIII Seminário de Iniciação Científica

CRIATIVIDADE E DESENVOLVIMENTO¹

Aline Cristina Riffel².

¹ Parte do Projeto de Pesquisa realizado para conclusão do curso de Graduação em Psicologia.

² Psicóloga graduada pela UNIJUI.

Pedagoga graduada pela UFSM - UAB Pólo Três de Maio.

Mestranda da Pós Graduação Stricto Sensu Mestrado em Educação nas Ciências UNIJUI. e-mail:
alineriffel05@gmail.com

Introdução

O presente documento descreve possibilidades de estudo do tema criatividade em psicologia. A criatividade é a questão central buscando refletir sobre as possibilidades de desenvolvê-la, a partir de uma breve reflexão sobre os estágios de desenvolvimento da personalidade. Possibilidades de se pensar a criatividade como algo passivo de desenvolvimento a partir de estímulos cognitivos, sociais e culturais. Identificando fatores significativos no desenvolvimento do potencial criativo, e sua relevância na contemporaneidade.

Metodologia

A metodologia que será adotada na pesquisa é basicamente bibliográfica.

Resultados e Discussões

A reflexão toma o conceito de criatividade a partir do pensamento de Winnicott (1971), em sua concepção de que é a “submissão” que determina o potencial criativo de um sujeito, afirma.

“É através da percepção criativa, mais do que qualquer outra coisa, que o indivíduo sente que a vida é digna de ser vivida. Em contraste, existe um relacionamento de submissão com a realidade externa, onde o mundo em todos seus pormenores é reconhecido apenas como algo a que ajustar-se ou a exigir adaptação. A submissão traz consigo um sentido de inutilidade e está associada à ideia de que nada importa e de que não vale a pena viver a vida. Muitos indivíduos experimentaram suficientemente o viver criativo para reconhecer, de maneira tentatizante, a forma não criativa pela qual estão vivendo, como se estivessem presos à criatividade de outrem, ou de uma máquina.” (WINNICOTT, 1971, pag. 95).

Ainda nesta linha de raciocínio é importante destacar que a teoria de Winnicott aponta a “afetividade” como uma das condições necessárias para o desenvolvimento do potencial criativo. Nos estudos de Sakamoto, encontra-se a definição Winnicottiana de que “através das relações afetivas do ser humano e o ambiente desde o início da vida, ocorre o desenvolvimento do sentimento de segurança pessoal que ancora o estado de relaxamento, que é fundamental para a possibilidade de emergência do impulso criador.” (SAKAMOTO, 2000, pag. 56).

Vigotsky, em “La imaginación y el arte em la infancia” (ed. 2003), complementa a ideia de que as experiências de vida estão diretamente relacionadas ao potencial criativo de um sujeito. Afirma

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico
Evento: XXIII Seminário de Iniciação Científica

que a criatividade, a fantasia e a imaginação são tão mais ricas quanto maiores as experiências. A sua compreensão a esse respeito é assim elaborada:

“la actividad creadora de la imaginación se encuentra en relación directa con la riqueza y la variedad de la experiencia acumulada por el hombre, porque esta experiencia es el material con el que erige sus edificios la fantasía. Cuanto más rica sea la experiencia humana, tanto mayor será el material del que dispone esa imaginación. (Vigotsky, 2003, p. 17)

Ao longo da constituição psíquica estas experiências são garantidas na relação do outro, principalmente na importância do Estágio do Espelho e sua função no desenvolvimento da criatividade pelo, e no, sujeito.

Segundo essa visão, ao nascer o bebê se considera reflexo da mãe e inicia seu processo de acumulação de registros psíquicos ou traços de memória. Aproximadamente dos 6 aos 18 meses a criança começa a se movimentar para reunir os traços de memórias que possui com a mãe, para iniciar sua constituição psíquica. Durante a experiência especular, ela passa a se reconhecer na imagem discursiva que a mãe sustenta; imagem que a mãe constrói do filho e é denominada de “narcisismo parental”. Esta é sempre “ideal”. A formação do sujeito irá ter início, a partir do encontro entre o ideal de filho projetado pela mãe e as características pessoais da criança.

Freud dizia que quando uma criança nasce, ela é colocada em um “lugar narcísico” dos pais. Ao projetarem um ideal do “seu eu”, os pais constroem um “EU” ideal, no “ideal do eu”, onde está um “eu idealizado”. E a criança está nos primeiros tempos neste contexto de “Filho ideal”, em uma imagem de perfeição que os pais atribuem aos filhos. Tudo isto irá depender do “recorte cultural” desta família. Esta forma de ‘agir’ dos pais fará com que a criança, num primeiro momento, responda sempre ao que os pais esperam dela. Primeiramente ela não vê um sentido, porém, logo passa a corresponder àquilo a que é convocada (à provocação ao riso, a criança sorrirá), ocorrendo então a identificação especular. A partir desta, a criança dá os seus primeiros passos na constituição do eu, da imagem corporal e também da agressividade. Registra-se então, a nível psíquico, imagens sustentadas pelo “grande Outro”, a representação psíquica dos traços de uma imagem, o que é, segundo Lacan, o “imago”.

Os pais constituem uma “imagem de sujeito” e uma “imagem de corpo”, que vai desde a escolha do nome próprio, que contém uma representação de sujeito e de corpo projetado pelos pais, no seu desejo, ou seja, existe um lugar que vai ser ocupado pela criança a partir da convocação que a subjetividade dos pais remete ao filho. Esse desejo, projetado pelos pais em relação à criança que ainda não nasceu e a história da qual passa a fazer parte, a partir do momento que é concebida, e vista como filho, interfere amplamente no desenvolvimento porque vai possibilitar a busca por atingir e alcançar expectativas projetadas pela família à ela.

Winnicott relaciona esta questão de expectativas projetadas, como desencadeante do processo criativo. Relaciona também, a capacidade do sujeito em assumir seu pensamento e agir de forma autônoma, de viver a seu modo, com o “olhar do outro”. Assim ele nos esclarece que:

“A vida de um indivíduo saudável é caracterizada por medos, sentimento conflitivos, dúvidas, frustrações, tanto quanto por características positivas. O principal é que o homem ou a mulher sintam que estão vivendo a sua própria vida, assumindo responsabilidade

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico
Evento: XXIII Seminário de Iniciação Científica

pela ação ou pela inatividade, e sejam capazes de assumir o sucesso dos aplausos ou as censuras pelas falhas”. (1967, p. 10)

Sob esta ótica, a linguagem se apresenta como um dos principais fenômenos da consciência, pois através dela se apresentam as imagens projetadas pelo outro e aproximam o sujeito em constituição do mundo que o cerca. O corpo humano é efeito da linguagem, efeitos dados pelo outro, que marcam o corpo de um sujeito como desejante. Percebe-se aqui a importância do discurso dos pais em relação ao corpo do filho. Corpo e sujeito não são os mesmos. O corpo é algo que o sujeito terá que conquistar e ter. Então:

“Nós, os seres humanos, aos sermos captados pela linguagem, diferenciamos-nos do reino animal, deixamos de ser puro corpo e, pelo ingresso ao universo simbólico, podemos tê-lo e, portanto, sermos sujeitos com um corpo” (1988, p. 48).

Traçando um paralelo entre a questão da linguagem e a criatividade humana; esta só se faz graças à linguagem. Talvez, a linguagem nada mais seja que fruto da criatividade humana encontrando formas de desenvolver-se e nessa ótica, De Masi nos apresenta alguns aspectos levantados por Arieti, como condições necessárias à promoção da criatividade humana:

“Lista de condições necessárias para promover a criatividade: a solidão, o isolamento, a introspecção, a inatividade, a capacidade de sonhar de olhos abertos, a possibilidade de soltar as rédeas do próprio pensamento, de modo que ele possa vagar livremente, a disponibilidade para perceber vínculos e semelhanças, a suspensão do senso crítico em relação às ideias próprias e alheias, a aceitação ingênua, a abertura, a disponibilidade para a exploração e aceitação, a memória interior dos conflitos traumáticos vividos no passado, a vivacidade intelectual e a disciplina interior.” (2003, p. 472)

Traços alguns, que aparecem também nos estudos de Lubart:

“Seis traços apresentam teórica e empiricamente relações significativas com a criatividade: a perseverança, a tolerância à ambiguidade, a abertura para novas experiências, o individualismo à disponibilidade de correr riscos e o psicotismo.” (2007, p. 41)

Ao estabelecer relação desses traços, apresentados por Arieti e Lubart com a teoria do Estágio do espelho e do Complexo de Édipo é possível pensar que o olhar do outro "mãe", autoriza a criança a estabelecer-se enquanto sujeito desejante, capaz de criar formas de suprir seus desejos. A proibição, a interdição, do outro, pai, sublima alguns desses desejos, transformando-os, e possibilitando à criança que encontre outras formas de expressar seus desejos, criando seu próprio mundo.

Winnicott (1986) vai além, afirmando que é a segurança oferecida pela mãe, por aquele que destina cuidado à criança e posteriormente pelo social que possibilita o “autocontrole” (p. 48), e fornece material suficiente para que a criança vá criando seu próprio mundo a partir do que lhe é oferecido pelo mundo “real”, como exprime o autor:

“É o ambiente circundante que torna possível o crescimento de cada criança; sem uma confiabilidade ambiental mínima, o crescimento pessoal da criança não pode se desenrolar, ou desenrola-se com distorções. Ademais, por não haver duas crianças rigorosamente idênticas, requer-se de nós que nos adaptemos de modo específico às necessidades de cada uma.” (1986, p. 45)

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico
Evento: XXIII Seminário de Iniciação Científica

Esta segurança gerada pela afetividade em todos os aspectos do seu cuidar, fornece à criança, subsídios para expressar-se. E no brincar, exerce o que no adulto será chamado de criatividade, a capacidade de construir este mundo que diminui as barreiras entre o real e o imaginário, entre a verdade e a fantasia, aproxima o universo infantil do adulto. É Freud que confirma esta relação, afirmando que ao brincar a criança se compara a um escritor criativo, cria um mundo de fantasia que é “aceitável” no social por realizar, através de suas brincadeiras, uma conexão com o mundo real adulto, enquanto que as criações dos escritores criativos, são consideradas fantasias ao expressar seus desejos e relacionar o real ao universo infantil. Desse modo:

“A antítese do brincar não é o que é sério, mas o que é real. Apesar de toda a emoção com que a criança catexia seu mundo de brinquedo, ela o distingue perfeitamente da realidade, e gosta de ligar seus objetos e situações imaginando às coisas visíveis e tangíveis do mundo real. Essa conexão é tudo o que diferencia o ‘brincar’ infantil do ‘fantasiar’. O escritor criativo faz o mesmo que a criança que brinca. Cria um mundo de fantasia que ele leva muito a sério, isto é, no qual investe uma grande quantidade de emoção, enquanto mantém uma separação nítida entre o mesmo e a realidade. A linguagem preservou essa relação entre o brincar infantil e a criação poética.” (FREUD, vol. IX p. 135)

Nesta relação com o outro, com a linguagem e com o social a criança vai se constituindo enquanto sujeito, permanecendo em desenvolvimento até sua morte. Este desenvolvimento, porém não se dá uniformemente, ao longo de toda sua trajetória; há os de total contemplação do outro, de indiscutível identificação, mas também de contestação. Winnicott, sobre esta relação afirma que é no espaço vivo da relação com o outro que ocorre o verdadeiro desenvolvimento, a que chama de “crescimento”. Assim:

“As crianças tem sempre a necessidade de verificar se ainda, podem confiar em seus pais, e essas verificações podem perpetuar-se até que as crianças já tenham crescido e precisem por sua vez proporcionar condições de segurança a seus próprios filhos, e até depois disso. [...] Os adolescentes começam a encontrar em si próprios uma gama de sentimentos fortes e até amedrontadores, e desejam verificar se os controles externos ainda estão de pé. Mas, ao mesmo tempo, querem provar serem capazes de romper esses controles e estabelecer a si próprios como pessoas autônomas. As crianças sadias necessitam de quem lhes imponha um certo controle; mas os indivíduos que impõem a disciplina devem poder ser amados e odiados, desafiados e chamados a ajudar; os controles mecânicos não têm aí qualquer utilidade, e o medo não é o instrumento mais adequado para estimular a colaboração. É sempre um relacionamento vivo entre duas pessoas que abre espaço ao crescimento.” (WINNICOTT, 1986, p. 47)

Continua afirmando que não há como separar o processo de desenvolvimento da criança, do processo vivenciado pelo adulto, pois que:

“Cada indivíduo surge, desenvolve-se e torna-se maduro; não se pode considerar a maturidade adulta como algo separado do desenvolvimento anterior. Este desenvolvimento é extremamente complexo, e ocorre de contínuo desde o nascimento, ou desde antes, até a velhice, passando pela idade adulta. Não podemos pensar em relegar nada a segundo plano – nem as ocorrências da infância, e nem mesmo as da primeiríssima infância.” (WINNICOTT, 1986, p. 30)

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico
Evento: XXIII Seminário de Iniciação Científica

E se pensarmos sob esta ótica, será que podemos possibilitar o desenvolvimento da criatividade?

Conclusões

A criatividade é uma característica eminentemente humana. Uma das habilidades que diferencia os seres humanos de outros animais, e que vem garantindo a evolução da sociedade, da ciência e da tecnologia. Se é uma característica ela pode ser aperfeiçoada, todo e qualquer ser humano pode exercitar a sua criatividade e assim o faz no seu dia-a-dia, com as inúmeras “respostas”, resoluções de conflitos, caminhos alternativos, projetos de vida, inovações e até mesmo invenções.

Ao longo da pesquisa foi possível identificar o que e como se constitui a criatividade. Desenvolver a criatividade é possível, desde a primeira infância, passando pela vida adulta e chegando a velhice. No entanto, este desenvolvimento não se dá uniformemente ao longo de toda sua trajetória. Apresentando-se de formas diferentes, mas não distantes. Afinal, a criatividade é, psicologicamente, uma característica inata, que vai poder ser mais ou menos explorada de acordo com as possibilidades de relações sociais de um indivíduo. Vai depender de como este se constituiu enquanto sujeito e o quanto recebeu investimento para sentir-se seguro ao expressar suas ideias.

Palavras-chave: criatividade, desenvolvimento, psicologia.

Referências Bibliográficas

- DE MASI, Domenico, 1938. Criatividade e grupos criativos. / Domenico de Masi; [tradução Léa Manzi e Yadyr Figueiredo]. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.
- FREUD, Sigmund. Vol. IX – “Gradiva” de Jensen e outros trabalhos (1906 – 1908). Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standar brasileira; traduzido do alemão e do inglês sob a direção geral de Jayme Salomão. – Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- LUBART, Todd. Psicologia da Criatividade. / Todd Lubart; tradução Márcia Conceição Machado Moraes. – Porto Alegre: Artmed, 2007.
- MITJÁNS Martínez, Albertina. Criatividade, personalidade e educação /. Abertina Mitjás Martínez – tradução Mayra Pinto – Campinas, SP: Papirus, 1997.
- SAKAMOTO, Cleusa Kazue. Criatividade: uma visão integradora. Extraído da Tese de Doutorado apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, sob a orientação da Profª. Dra. Edda Bomtempo. 2000, 2 (1): 50-58.
- VIGOTSKI, L.S. La imaginación y el arte em la infancia. Ensaio Psicológico. Ediciones Akal, S. A., 2003. Sector Foresta, 1. Madrid – España.
- WINNICOTT, Donald W., 1896 – 1971. A família no desenvolvimento individual / D.W.Winnicott; tradução Marcelo Brandão Cipolla. – 3ª Ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- _____. O Brincar & a Realidade. (1971). Tradução José Octávio de Aguiar Abreu e Venede Nobre. IMAGO EDITORA LTDA, Rio de Janeiro.